

A hospitalidade na Bíblia e os rituais de comensalidade

The hospitality in the Bible and commensality rituals

La hospitalidad en la Biblia y los rituales de comensalidade

Daniel Aguirre Campos ¹
Leandro Benedini Brusadin ²
Vander Valduga ³

Resumo: A hospitalidade vem se consolidando na pesquisa em turismo como um modo de compreender as relações entre anfitrião e hóspede em diferentes tempos e espaços. Este artigo de caráter ensaístico discute a hospitalidade na Bíblia em uma perspectiva histórica e social. A periodização da pesquisa é delimitada pelo Novo Testamento em suas formas de hospitalidade e rituais de comensalidade. Além da fonte primária da própria Bíblia, o artigo utiliza como fonte secundária a obra de Félix Tomillo Noguero em diálogo com outros autores. O objetivo do trabalho é analisar teoricamente a concepção de hospitalidade presente na Bíblia, livro sagrado do Cristianismo, com possíveis contribuições para o campo do turismo por meio da comensalidade. A metodologia do trabalho é a pesquisa bibliográfica e exploratória somada à pesquisa documental. Conclui-se que a simbologia do texto bíblico perpassa rituais de hospitalidade e comensalidade, por meio do poder simbólico da partilha do alimento, expressa nas cenas em torno de Jesus como forma de dádiva.

Palavras-Chave: Hospitalidade, bíblia, rituais, comensalidade, dádiva.

Abstract: Hospitality has been consolidating itself in tourism research to understand the relationships between host and guest in different times and spaces. This essay-based article discusses hospitality in the Bible from a historical and social perspective. The New Testament delimits the periodization of the research in its forms of hospitality and rituals of commensality. In addition to the primary source of the Bible itself, the article uses the work of Félix Tomillo Noguero as a secondary source in dialogue with other authors. The objective of the article is to theoretically analyze the conception of hospitality present in the Bible, the sacred book of Christianity, with possible contributions to the field of tourism through commensality. The methodology of the research is bibliographic and exploratory research combined with documentary research. It is concluded that the symbolism of the biblical text permeates rituals of hospitality and commensality, through the symbolic power of sharing food, expressed in the scenes around Jesus as a form of gift.

Keywords: Hospitality, bible, rituals, commensality, gift.

Resumen: La hospitalidad se ha ido consolidando en la investigación turística como una forma de entender las relaciones entre anfitrión y huésped en diferentes tiempos y espacios. Este artículo ensayístico analiza la hospitalidad en la Biblia desde una perspectiva histórica y social. La periodización de la investigación está delimitada por el Nuevo Testamento en sus formas de hospitalidad y rituales de comensalidad. Además de la fuente primaria de la propia Biblia, el artículo utiliza como fuente secundaria la obra de Félix Tomillo Noguero en diálogo con otros autores. El objetivo de la investigación es analizar teóricamente la concepción de hospitalidad presente en la Biblia, libro sagrado del Cristianismo, con posibles aportes al campo del turismo a través de la comensalidad. La

¹ Universidade Federal do Paraná – UFPR. E-mail: daniel.aguirre@ufpr.br – ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9781-7102>

² Universidade Federal do Paraná – UFPR. E-mail: leandrobrusadin@ufpr.br – ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2778-2095>

³ Universidade Federal do Paraná – UFPR. E-mail: vandervalduga@ufpr.br – ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8966-7570>

metodología del artículo es la investigación bibliográfica y exploratoria combinada con la investigación documental. Se concluye que el simbolismo del texto bíblico permea los rituales de hospitalidad y comensalidade, a través del poder simbólico de compartir los alimentos, expresado en las escenas en torno a Jesús como una forma de regalo.

Palabras clave: Hospitalidad; biblia; rituales; comensalidade; regalo.

1 Introdução

O tema da hospitalidade vem sendo cada vez mais discutido no Turismo e em outras áreas do conhecimento humano e social aplicado como uma atitude ética e não simplesmente com um olhar instrumental e tecnicista. Pesavento (1995) refere que novas disciplinas se apresentam e dão reforço à tendência de apresentar o trabalho histórico como a elaboração de relações conjunturais, em que se admite a incerteza de modo que os caminhos contraditórios da razão levaram ao retorno de dimensões não propriamente racionais.

As pesquisas desenvolvidas nos fazem buscar relações entre fé e razão de maneira não dicotômica diante da imperativa compreensão sociológica e histórica de que as formas e expressões religiosas que fazem parte da vida de inúmeros grupos sociais e suas aspirações. O Papa João Paulo II disse que “A fé e a razão (*fides et ratio*) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade” (Paulo, 1998). Independentemente do ideal criado sobre o poder da verdade e de crenças ou não, é importante compreender que os seres humanos se movem, muitas vezes, pelas ideias e as premissas religiosas as quais inspiram os valores de determinados povos e suas culturas.

O antropólogo Malinowski (1975, p. 43) definiu cultura como algo “abrangendo as heranças de artefatos, bens, processos técnicos, ideias, hábitos e valores”. Clifford Geertz (1989, p. 52) afirmou que “cultura é o padrão, historicamente transmitido, de significados incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atitudes acerca da vida”. O entendimento da cultura perpassa a interpretação dos símbolos criados pelas sociedades em diferentes processos históricos os quais tais formas simbólicas foram produzidas e transmitidas como formas de poder e coesão social. No caso do presente trabalho, busca-se entender como os rituais de hospitalidade foram reproduzidos na Bíblia, por meio de cenas de comensalidade ali descritos para expressar os valores do Cristianismo, com dádivas relacionadas à reciprocidade com o outro e à partilha do alimento.

A hospitalidade recebida por Jesus e as formas de hospitalidade e hostilidades em suas viagens tornam-se, assim, a prerrogativa do estudo. Partimos da concepção histórica de que as leis de hospitalidade precedem o turismo enquanto atividade econômica e refletimos como os valores éticos do acolhimento ao outro são utilizados no texto bíblico como uma forma de relação entre anfitrião e hóspede por meio da comensalidade. Diante do exposto, a problemática do trabalho consiste em indagar as formas de hospitalidade na Bíblia e verificar como os rituais ocorrem por meio da comensalidade. Desse modo, o objetivo do trabalho é analisar teoricamente a concepção de hospitalidade presente na Bíblia, especialmente no Novo Testamento, com possíveis interfaces e contribuições para o campo do Turismo em suas relações com à comensalidade.

Essa reflexão remete diretamente à obra “A hospitalidade na Bíblia e nas Grandes Religiões” de Félix Tomillo Noguero (2019) em que o autor aborda os ritos e costumes das religiões sob a premissa da hospitalidade. Para tanto, um conceito sobre hospitalidade expresso nesta obra é assumido no presente estudo: “Esta palavra assume aqui o seguinte sentido: recepção e benefício que são dispensados aos visitantes, com ou sem caráter gratuito” (Noguero, 2019, p. 29). Somado a essa fonte que trata diretamente do objeto de estudo, situa-se a teoria da dádiva de Marcel Mauss (2008) e de outros autores subsequentes que trabalham a teoria da hospitalidade nesta perspectiva.

Os ritos de comensalidade também são apreciados na obra de Noguero (2019) com destaque para os atributos turísticos de Deus dentre eles o de comensal, onde “o próprio Deus seleciona o banquete do sacrifício que Lhe é oferecido por Abraão” (Noguero, 2019, p. 55). Esses ritos também são percebidos no Novo Testamento como veremos na atuação de Jesus e por meio de seus ensinamentos quando diz que ao ter fome Lhe foi dado de comer e ao ser estrangeiro Lhe deram hospitalidade (Mt 25, 35-40): “Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes; estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me”. Essa passagem do texto bíblico expressa momentos de comensalidade como forma de transmissão dos valores éticos e morais celebrados pelo Cristianismo aos quais se vinculam, muitas vezes, com os ideais de partilha, gratuidade, sacrifício e reciprocidade do conceito de hospitalidade sob a ótica da dádiva.

No presente trabalho, nos concentraremos em perceber isso nos escritos de Lucas,

considerado pelos cristãos um evangelista da hospitalidade, além de autores que se debruçam sobre o tema da hospitalidade e da comensalidade.

2 Referencial teórico

2.1 A hospitalidade como forma de comensalidade na Bíblia

A hospitalidade se vale de valores éticos e morais expressos em vários símbolos instituídos como forma de coesão e laço social. No que tange às formas espirituais, Mauss (2008) se opõe à ideia dicotômica de Durkheim entre o sagrado e profano e propõe uma estreita ligação entre o utilitário e o simbólico, o interesse e o desinteresse, o material e o espiritual. De acordo com Brusadin e Panosso Netto (2017), na visão maussiana, já não estamos mais diante de uma oposição simples, mas, sim, de uma multiplicidade indefinida das sociedades do passado e do presente. Para haver vínculo social, matéria prima da hospitalidade, o sacrifício pelo outro é atitude primária das relações em diversos âmbitos - na família, na amizade, em grupos étnicos e religiosos.

Mauss e Hubert (2005, p. 19) trabalham com a ideia de sacrifício como regra moral da dádiva e como usufruto das religiões. “O sacrifício é um ato religioso que mediante a consagração de uma vítima modifica o estado da pessoa moral que o efetua ou de certos objetos pelos quais ela se interessa”. A virtude do sacrifício não se limita, nesse caso, à vida neste mundo, mas se estende à vida futura. Ao longo da evolução religiosa, a noção de sacrifício se juntou às noções relacionadas à imortalidade da alma. O sacrifício produziu, na mitologia, uma infinidade de descendentes, tendo em vista que entre a vítima e o deus há sempre alguma afinidade (Mauss; Hubert, 2005).

Mauss e Hubert (2005, p. 99) ainda afirmam que o “sacrifício cristão é um dos mais instrutivos que se pode encontrar na história de modo que os sacerdotes buscam, pelos mesmos procedimentos rituais, quase que os mesmos efeitos buscados pelos nossos mais remotos antepassados”. Tais autores ainda enfatizam que, do mesmo modo que o sacrifício divino pertence à esfera imaginária da religião, também se poderia pensar que o sistema inteiro da dádiva é apenas um jogo de imagens. Daí emerge a ideia das cenas de hospitalidade as quais que transmitem valores para a vida cotidiana e institucionalizam os laços sociais.

“O sacrifício funciona como um amplificador do dom, é lícito então supor que uma de suas funções é encorajar que se multipliquem dons entre os seres humanos”, afirma Caillé (2002, p. 195). Para Godelier (2001), o sacrifício aos espíritos é uma das obrigações fundadoras da prática da dádiva, pois a crença na alma engrandece as pessoas, os objetos e as relações sociais porque os sacraliza e os metamorfoseia ao alterar sua natureza, sua aparência e seu sentido. Contudo, em um sentido teórico-metodológico “o dom é a alternativa da dialética do senhor ao escravo. Não se trata de dominar os outros, nem de ser dominado; nem de domesticar a natureza, nem de ser enganado por ela; mas de pertencer a um conjunto mais vasto, restabelecer a ligação, de se tornar membro”, esclarece Godbout (1992, p. 313). O mesmo autor menciona exemplos de dádivas modernas que se colocariam ao lado do dom por Cristo ao reunir os pecados humanos e a salvá-los da condenação eterna, tido como um exemplo supremo do dom gratuito e absoluto.

Dessa maneira, sob esta perspectiva da dádiva, a hospitalidade se funda em práticas materiais e espirituais presentes nas sociedades antigas e moderna instituídas por meio de rituais de sacrifício pelo outro em uma lógica de reciprocidade. As "amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras, dos quais o mercado é apenas um dos momentos, e nos quais a circulação de riquezas não é senão um dos termos de um contrato bem mais geral e bem mais permanente”, afirma Mauss (2008, p. 191). Afinal, a função fundamental da hospitalidade é promover um processo de intercâmbio assimétrico, material ou simbólico entre quem oferece hospitalidade e quem a recebe com uma aspiração incondicional a um acordo coletivo de paz (Brusadin, 2021, p. 112).

Algumas formas de hospitalidade são expressas no sacrifício da partilha do alimento com o outro como forma de empatia, reciprocidade e laço social. O sacrifício da hospitalidade ocorre, nesse caso, não somente se dá pelo próprio alimento compartilhado, mas também, por meio da conviabilidade exercida entre anfitriões e hóspedes com diferentes contextos. Dar de comer a quem tem fome é um exercício vital de hospitalidade, assim como, o desperdício do alimento pode ser entendido como um ato de hostilidade. Nesta perspectiva, a comensalidade assume um papel central na hospitalidade, pois não se trata apenas de receber e entreter o outro, mas dar vida a alguém com a dádiva do alimentar. A oferta do copo de água representa simbolicamente um exercício de hospitalidade.

A partilha do alimento se constitui em um ato primordial, uma vez que a alimentação, antes de seus contornos simbólicos, é uma necessidade fisiológica. Exerce centralidade na vida banal e em momentos de fruição, no sagrado e no profano. Conforme apontado, a partilha tem raízes gregas (*theoxenia*), em que humanos tem a oportunidade de mostrar virtudes ou piedades a um humilde estranho, que chegaria como divindade disfarçada (*theos*) e que teria a capacidade de conceder recompensas. Isso adverte e provoca os mortais de que qualquer hóspede deveria ser tratado como divindade e a variação *Xenia*, como regra, obriga os anfitriões a fornecer banho, comida, bebida, presentes e escolta segura até o próximo destino (Louden, 2011). A oferta de alimentos implica em aceitar o outro, uma vez que é uma necessidade básica e aceitar o outro é aceitar o meio, portanto, come-se também de acordo com o meio em que se está inserido e da forma com que o meio se estrutura, produz e distribui os alimentos (Maciel, 2001; Canesqui; Garcia, 2005).

A comensalidade pode ser entendida como um momento - um recorte temporal e espacial - e uma manifestação de um sistema alimentar. A comensalidade tece uma rede de relações e impõe limites e fronteiras sociais, políticas e religiosas e a sociabilidade se manifesta na comida compartilhada, no ato de comer juntos entre os comensais. As funções simbólicas da comensalidade estão muito presentes nos estudos da hospitalidade (Faltin; Gimenes-Minasse, 2019).

Comensalidade deriva do latim *mensa*, que significa “conviver à mesa”, no entanto, vai além dos sistemas alimentares ou padrões alimentares e envolve, sobretudo, o “como se come”. Trata-se de uma interpretação da estrutura cotidiana da organização social onde a sociabilidade é manifestada na comida que é partilhada (Carneiro, 2003; Poulain, 2004).

A ceia, ceiar (*cēnāre* do latim; *cenare*, do italiano) tem o caráter de comer junto, em que o significado ritual e simbólico é muito mais amplo do que a satisfação de uma necessidade alimentar (Boutaud, 2011). A ceia ou no caso aqui a “Última Ceia” anuncia que fronteiras são delimitadas e tem uma dialética intrínseca demarcada, como a despedida, o partir, o último banquete em que se afirmam, reafirmam ou se rompem compromissos, elos ou laços sociais. Nesse contexto entram os sentidos, o estalar dos copos, o ritual do brinde, os diálogos e discursos a mesa e as hierarquias e disposições que compuseram e compõe historicamente os modos a mesa e que moldam laços sociais de hospitalidade.

Ao falar em hospitalidade na Bíblia podemos citar, primeiramente, a passagem em que Abraão acolhe três homens em sua tenda, oferecendo a eles uma hospitalidade com todos os ritos possíveis para que se sintam bem em sua tenda (Gn 18, 1-14). A referência de Abraão chega até o Novo Testamento quando lemos na carta aos Hebreus: “Não esqueçais a hospitalidade, pois, graças a ela, alguns, sem saber, acolheram anjos” (Hb 13,2). Esta passagem é uma alusão ao narrado no livro de Gênesis.

A hospitalidade é tão presente na formulação do pensamento bíblico que a maioria dos dicionários de vocabulários bíblicos ou teológicos coloca uma seção para elucidar o tema.

A hospitalidade é uma experiência fundamental na prática de Jesus de Nazaré, o Filho de Deus. Ele é hóspede e anfitrião (Mt 10, 40; Lc 10, 16; Jo 13, 20): depende da hospitalidade humana e oferece a hospitalidade de Deus. A experiência é expressa nos múltiplos encontros com o outro: *estrangeiros* (Centurião Mt 8, 5-13; Lc 7, 1-10; Jo 4, 46b-53; Cananea ou sirofenícia Mt 15, 21-28; Mc 7, 24-30; Gregos Jo 12,20-24); *mulheres* (Lc 8, 2-3; Mc 16,9; Jo 4, 1-26; Jo 8, 1-11); *multidão* (Mt 9, 36; Mt 14,14; Mt 15, 32; Mc 6, 34; Mc 8,2); *necessitados e pecadores* – eminentemente a realização do reinado de Deus através de curas, milagres e sinais (Mt 11, 1-6; Lc 7, 18-23)175; *autoridades religiosas* (Mt 23, 1-36; Mc 12, 37b-39; Lc 11, 39-53; Lc 20, 45-46); *na visita as casas* (Mt 8, 14-15; Mc 1, 29-34; Lc 4, 38s; Mt 9, 9-13; Mc 2, 13-17; Lc 5, 27-32; Mt 26, 6-13; Mc 14, 3-9; Lc 7, 36-50; Lc 10, 38-42; Lc 19, 1-10; Jo 12, 1-11; Mt 26, 20-29; Mc 14, 17-25; Lc 22, 14-23) na *comensalidade* e nas *recomendações* aos discípulos (Mt 10, 12-15; Mt 10, 40-42; Lc 9,2-5). (Rodrigues, 2015, p. 54).

A hospitalidade presente no texto bíblico incutiu valores para as sociedades cristãs de diversos modos, inclusive na relação com a viagem:

...] a hospitalidade ocupa esse lugar preferencial na hierarquia cristã de valores, entre outras razões, por motivos históricos. Porque, ao menos durante os 30 anos seguintes à morte de Cristo, não existiam ainda textos escritos dos Evangelhos, de modo que a admissão de hóspedes era praticamente o único meio que então havia, de contato com a Boa Nova. A Boa Nova se propagava pelos viajantes e, graças a eles, terminaria difundindo-se também através de seus receptores (Noguero, 2019, p. 103).

Isso pode explicar a razão de São Bento ser considerado padroeiro do turismo, ou seja, na visão da igreja ele é aquele que protege e cuida do turismo, não porque ele foi turista, mas porque ele foi exemplo de hospitalidade por seus atos e pela regra que rege a ordem religiosa criada por ele, os Beneditinos. Entretanto, esclarecemos que o turismo moderno é uma atividade inventada no período pós-revolução industrial, diferentemente da hospitalidade que se trata do exercício coletivo atemporal necessário para existência de um grupo social.

Contanto, em uma época em que não existiam equipamentos turísticos, as hospedarias eram as que acolhiam os que iam e vinham pelas estradas do mundo e lá as regras que regiam

eram as da hospitalidade desenvolvida na Bíblia. A hospitalidade monástica (Grinover, 2007) é um exemplo de como os hóspedes deviam ser acolhidos nos mosteiros com inspiração cristã. Monasterios serviram de refúgio para diversos hóspedes que necessitava de abrigo. Abrigar o outro significa oferecer alimentação como um princípio de hospitalidade a um estranho ou a um convidado.

Outro exemplo de hospitalidade que destacamos e que pode supor relação com as viagens é os praticados em Roma:

A hospitalidade praticada pelas famílias de elite da Roma agostiniana baseava-se no princípio da reciprocidade como uma forma primitiva de turismo. Os romanos prósperos estabeleciam redes de relacionamentos com outras famílias, nas residências das quais ficavam como hóspedes e, nos momentos em que seus ex-anfitriões manifestavam a intenção de viajar, assumiam a posição de anfitriões. (Lashley, 2015, p. 84)

No evangelho menciona que Jesus manda alguns de seus seguidores irem preparar a festa. Naqueles dias, a cidade de Jerusalém estava cheia, então seria difícil encontrar um local amplo para fazer a ceia, isso só seria possível com uma reserva antecipada. O evangelista Lucas (22, 10-13) narra como sucederam os fatos que, em uma leitura com as lentes da hospitalidade, podemos supor que Jesus já tinha feito uma reserva em uma hospedaria pois eles foram a um local indicado pelo mestre deles. A reserva inclusive foi estendida para mais uma semana, pois a Bíblia narra que o grupo de Jesus continuou se encontrando nesse local.

Numa tentativa de sistematizar a prática da hospitalidade na Bíblia podemos definir dois aspectos: como obra de misericórdia e como testemunho de fé. No tocante a obra de misericórdia, vale exemplificar que a Igreja considera catorze obras, divididas em corporais e espirituais (Catecismo [...], 2000, § 2447). Uma das sete obras corporais recomenda dar pouso aos peregrinos, nota-se que é um claro pedido de exercer a hospitalidade e, por isso, Jesus se fez peregrino para ser acolhido, por isso ele se fez hóspede para experimentar a hospitalidade. O hóspede converte-se em anfitrião e vice-versa pressupõe umas das formas da hospitalidade incondicional de Derrida (1997), já que para o autor a hospitalidade não deve supor propriedade.

Nota-se que a condição de ser hospitaleiro com o estrangeiro, compreende mais que uma ajuda para suprir as necessidades do outro e assume uma demonstração da fé professada e testemunhada por meio da atenção dispensada aos pobres e necessitados, por isso a hospitalidade é um elemento essencial na prática cristã. (Lashley, 2015). O aspecto de testemunho de fé, fica

evidente na atitude de quem é hospitaleiro, pois tal ato demonstra sua fé e testemunha que segue os ensinamentos da doutrina que assumiu. Ou seja, os dois aspectos estão intimamente conectados para que aconteça a esperada hospitalidade segundo os parâmetros bíblicos.

Essa visão nos remete a “Lei da Hospitalidade” que se desenvolve antes de Cristo, com referências na literatura egípcia, mas também ao “código de santidade” de Levíticos. Para além dos estudos de hospitalidade, a terminologia de Lei de Hospitalidade é amplamente usada pelos comentaristas bíblicos. No Antigo Testamento, não há outra norma tão amplamente desenvolvida como a Lei da Hospitalidade (Noguero, 2019).

Apesar disso, o presente estudo foca na pessoa de Jesus Cristo no Novo Testamento (NT) e, por isso, cabe uma reflexão do tipo de hóspede que Jesus se coloca. Em Mateus (25,35), Cristo é *xenos*, palavra grega que significa “hóspede”. Por certo, este termo costuma-se traduzir frequentemente por “peregrino”, com o que se contrai o sentido genérico de *xenos* (Noguero, 2019).

Esses termos se encontram todos no NT, em que se dá especial destaque ao termo *xénos* “estrangeiro”, que aparece 21 vezes e do qual derivam: *philoxenia* (cf. Rm 12,13; Hb 13,2) *philóxenos* (cf. 1Tm 3,2; Tt 1,8; 1Pd 4,9) e, por fim, *xenodochéō* (cf. 1Tm 5,10): todos os três indicam o acolhimento em relação ao estrangeiro, isto é, a hospitalidade. Sendo história da aliança entre Deus, Israel e a humanidade, a Bíblia reserva ao estrangeiro um lugar bem particular, fazendo dele o lugar em que se revela o divino, paradigmático de todo outro. No plano histórico deve-se, em todo caso, reconhecer que a Bíblia oscila entre a afirmação de que Deus “cuida dos estrangeiros” (Sl 146,9) e aquela de acordo com a qual, ele, por meio de seu rei, os destruirá e quebrará “com cetro de ferro como um vaso de oleiro” (Sl 2,9) (Dicionário de temas teológicos da bíblia, 2022, p. 679).

Dois aspectos sobressaem para essa reflexão: o primeiro de que o estrangeiro é o lugar onde se revela o divino, logo é intento de todo crente que busca em sua jornada um encontro com o divino, portanto, a hospitalidade passa a ser meio para se alcançar a divindade; o segundo aspecto é a inospitalidade no caso de guerra com um inimigo, realidade que no Novo Testamento assume outra postura em 1 Coríntios (6,9-10). Adverte-se que os inospitais “não possuirão o Reino de Deus”. Em analogia com a atividade turística, Camargo (2006) diz que a verdadeira doença do turismo moderno é a inospitalidade. A xenofobia contra os estrangeiros e ora também contra os turistas representam hostilidades do mundo contemporâneo que denotam formas de rejeição e anti-dádiva.

No que tange a partilha em rituais de alimentação na Bíblia, Jesus demonstra a aspiração de comensalidade da última ceia, um evento que deve ter movimentado a hospedaria onde foi encomendada, até a dimensão de diaconia. Esta dimensão inscreve-se no cumprimento da missão de Jesus Cristo: “Eu não vim para ser servido, mas para servir” (Mc 10, 45). Abrir-se ao outro, diferente de mim, é dom e tarefa. É uma forma sempre nova de diaconia, “pois hoje, além do serviço das mesas dos mais pobres e dos mais desamparados, emerge e está patente o serviço das mesas dos turistas” (Boas, 2012, p. 111). A diaconia pode ser entendida como um ritual de hospitalidade expressa por meio da comensalidade em uma lógica de sacrifício e dádiva: o diácono pode ser entendido como aquele que serve, por conseguinte, é quem dá ajuda em nome da comunidade, mas também é quem recebe para retribuir.

É importante esclarecer que, conforme os vocábulos analisados por Noguero (2019), o local da última ceia, que depois seria o local onde os discípulos vão passar uma temporada é chamado de Katályma, que significa hospedaria. Por isso, a afirmação de que a ceia ocorre em uma hospedaria, afinal, seria difícil encontrar uma casa com uma sala tão ampla para todo o ritual que foi realizado naquela ocasião.

A pesquisa suscita ainda que a hospitalidade em Jesus se identifica com a hospitalidade gratuita: “na hospitalidade gratuita, o viajante se apresenta, em primeiro lugar, como um hóspede esperado ou inesperado, suscitando sentimento de boas-vindas ou de constrangimento” (Gotman, 2009, p. 5). É o que as passagens bíblicas narram nas diversas atitudes de Jesus como hóspede, o inesperado para Zaqueu (Lc 19, 15) ou o esperado por Marta e Maria (Lc 10,38).

A hospitalidade é a “virtude” da pessoa hospitaleira, mas também significa a assimilação da tensão entre hospitalidade e hostilidade. Jesus de Nazaré é um paradigma de hospitabilidade porque para manifestar a “hospitalidade de Deus” acolhe em si a aventura da hospitalidade e hostilidade humana – entre ser acolhido e ser recusado (Rodrigues, 2015, p. 52).

A partir de tais considerações teóricas e análises preliminares sobre o tema aqui proposto torna-se importante verificar documentalmente no texto bíblico as passagens que se referem ao tema da hospitalidade e da comensalidade centrado na figura de Jesus como anfitrião e como hóspede.

3 Procedimentos metodológicos

No sentido metodológico, o texto apresenta um ensaio sobre a hospitalidade e a comensalidade presente nos textos bíblicos para possíveis contribuições para o campo do Turismo nas perspectivas histórica e social. Primeiramente, foi realizado levantamento bibliográfico nas bases de dados Scopus e Web of Science com duas palavras-chave: hospitalidade e bíblia. Apesar de encontrarmos 46 documentos e 32 documentos, ao analisarmos o conteúdo, tais produções não referiam diretamente ao tema aqui proposto. A revisão identificou que a relação entre hospitalidade, Bíblia e turismo é focada no turismo religioso e não nas premissas da concepção de hospitalidade aqui tratada, especialmente da comensalidade a qual confere originalidade do mesmo.

Além da pesquisa bibliográfica, este estudo utiliza-se da pesquisa documental como prerrogativa analítica. Segundo Samara e Tupy (2007) documentos são cartas, livros, relatórios, diários, pinturas, esculturas, fotografias, filmes, músicas, mitos, lendas, falas, espaços, construções arquitetônicas ou paisagísticas, instrumentos e ferramentas de trabalho, utensílios, vestimentas, resto de alimentos, habitações, meios de locomoção, meios de comunicação. São, ainda, os sentidos culturais, estéticos, técnicos e históricos que os objetos expressam.

De acordo com Jenkins (2005), a História constitui uma dentre uma série de discursos a respeito do mundo. Embora tais discursos não criem o mundo, eles se apropriam e lhe dão os significados. Ainda de acordo com o autor, as pessoas no presente necessitam de antecedentes para localizarem no agora e legitimarem seu modo de ver atual e futuro e sentem necessidade de enraizarem o hoje e o amanhã em seu ontem por meio do passado e suas narrativas. Os vestígios do passado são documentos, registros, artefatos que, no presente estudo, é representado na Bíblia.

De acordo com Samara e Tupy (2007) a utilização de registros diversos comprova que o avanço da ciência histórica está intimamente associado à interdisciplinaridade, isto é, à incorporação de métodos e técnicas de outras áreas do conhecimento de modo que a crítica do documento deve conter a sua expressão simbólica. A interdisciplinaridade, no caso desta pesquisa, trata da concepção do estudo histórico e social da hospitalidade em interface com o campo do turismo.

O ensaio é, portanto, um estudo crítico tendo como base documental a Bíblia como fonte primária e, também, com fontes secundárias que se articulam à pesquisa. Cabe esclarecer que,

conforme a teoria crítica com foco no turismo, o ato de interpretar é necessário. “Interpretar significa mais do que a simples descrição, como uma mera construção mental. Interpretar se trata de um discurso por construir” (Panosso Netto; Nechar, 2014, p. 134).

Contanto, a metodologia do trabalho é concebida pela pesquisa bibliográfica e exploratória na área de hospitalidade somada a pesquisa documental em um cunho histórico e social sobre as formas de hospitalidade e rituais de comensalidade expressos no texto bíblico. A periodização da pesquisa é delimitada pelo Novo Testamento na figura de Jesus, especialmente no evangelho de Lucas.

4 Análise e discussões

4.1 A hospitalidade e a comensalidade na presença de Jesus

A hospitalidade se vale de gestos simbólicos que incutem a relação entre o anfitrião e hóspede de maneira figurativa com os ideais de partilha e de reciprocidade. Sobressai nessa pesquisa de hospitalidade na Bíblia duas realidades que são fundamentais: a primeira é a dimensão da acolhida que Jesus recebe e com isso pode desfrutar de hospitalidade, a segunda é da comensalidade que acontece nos espaços de hospitalidade frequentados por Jesus, sintetizados no Quadro 1.

Quadro 1 - Hospitalidade recebida por Jesus

Anfitrião	Citação bíblica	Atitude
Apóstolos	Lc 4,38	Cura
Lázaro	Lc 10,38	Escuta
Zaqueu	Lc 19,5	Conversão
Simão	Lc 7,36	Diálogo
Centurião	Mt 8,5	Cura

Fonte: dados da pesquisa (2024).

Partindo das atitudes podemos exemplificar pelos textos que a visita de Jesus na casa de um dos apóstolos (Lc 4,38), proporciona cura ao restabelecer a saúde da sogra de Pedro que passa a servir, o que gera hospitalidade. A cura também acontece no encontro com o Centurião (Mt 8,5) nessa cena a intenção de ser hóspede propicia a cura. A cura pode ser entendida como uma

categoria de hospitalidade na expressão da paz e da vida como forma de aspiração da dádiva com o outro.

Na casa de Lázaro (Lc 10,38), sua irmã Maria, fica aos pés de Jesus para escutar o que o hóspede trazia de notícias de suas viagens. Na casa de Simão (Lc 7,36), o diálogo é um ensinamento sobre a lei de hospitalidade como veremos. A dádiva das palavras é uma expressão de hospitalidade enquanto gesto que implica a escuta do outro como forma de troca obrigatória e gratuita ao mesmo tempo.

Caillé (2002) ressalta que a sociabilidade primária se alimentava da dádiva das palavras. A linguagem do agradecimento evoca por si só duas dimensões paradoxalmente unidas no dom: a da graça da gratuidade, por um lado, e, por outro, a da obrigação. A circulação da palavra permite estabelecer relações de aliança e de afinidade.

Ao encontrar Zaqueu (Lc 19,5) Jesus não espera um convite, ele mesmo se convida para ser hóspede de Zaqueu, o que gera uma reviravolta na vida do anfitrião que muda radicalmente de vida, a hospitalidade que gera conversão. A ideia de alteração da rotina e dos sacrifício diante de tal pressupõe atos que não estão previstos e, como dito por Gotman (2009), a hospitalidade se encontra no imprevisto.

Nota-se que a hospitalidade oferecida a Jesus gera benefícios para os anfitriões que são curados e, convidados a escutar o hóspede, são levados a uma mudança de atitude na vida, ao diálogo. Essa expressão simbólica abre um espaço para que ao redor da mesa Jesus possa difundir sua doutrina. Isso remete a Bourdieu (2002) quando ressalta que o poder simbólico é quase mágico e invisível que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização.

Desse modo, Jesus utiliza-se da hospitalidade para ensinar. As citações do Quadro 1 em sua maioria são do evangelho de Lucas por expressar a relação de hospitalidade e comensalidade de sua vida por meio dos atos da cura, da escuta, do diálogo e da conversão. A dádiva das palavras é utilizada nestas passagens para expressar simbolicamente a moral cristã.

A pesquisa coaduna com os estudos de Carmine Di Sante, apresentado por De Jesus (2019) sobre os cinco traços definidores do “Eu Hospitaleiro”, que levam a uma passagem da acolhida para a hospitalidade. A saber:

- a) “tem aberta a porta da própria casa.”

- b) “dá as boas-vindas ao que chega, não o olhando como intruso.”
- c) “dá conta do sofrimento do outro e de suas necessidades.”
- d) “abre espaço para o outro, limitando o seu próprio.”
- e) “o que dá aquilo que tem.”

É possível perceber nesses traços a atuação de Jesus Cristo nos Evangelhos, o que nos leva a interpretá-lo como um ideal de Eu Hospitaleiro em que oferece algumas aspirações para uma hospitalidade como um devir acolhedor gratuito e recíproco. Isso traz consigo um olhar humano e menos mercantil para o próprio turismo moderno cujas relações entre turista e comunidade local poderiam ser postas de forma relacional, enquanto anfitriões e hóspedes, sob a égide do cuidado e da ética com o outro.

O livro de Lucas pode ser considerado um livro que trata de hospitalidade, mas apesar de Lucas ser considerado um evangelista da hospitalidade, é importante acrescentar a comensalidade, pois ambos os rituais são inseparáveis na ideia de abrigo e conviabilidade. As cenas que tratam sobre tais se apresentam no Quadro 2:

Quadro 2 - Cenas de hospitalidade e comensalidade

Hospitalidade/comensalidade	Citação bíblica em Lucas	Teleologia da cena
Banquete na casa de Levi	5, 27-39	Levi convida Jesus para um jantar na sua casa que gera conflitos.
Refeição na casa do fariseu (Simão)	7, 36-50	Jesus destaca os ritos que não foram feitos pelo anfitrião.
Fração do pão em Betsaida	9, 10-17	Jesus alimenta uma multidão.
Hospitalidade na casa de Marta e Maria	10, 38-42	Jesus se hospeda na casa de amigos.
Almoço na casa do fariseu	11, 37-54	Jesus não cumpre o ritual de lavar as mãos.
Ceia na casa de um fariseu	14, 1-24	Jesus faz uma cura e ensina
Hospitalidade na casa de Zaqueu	19, 1-10	A visita de Jesus gera conversão do anfitrião.
A última ceia	22, 7-38	Jantar onde Jesus recebe seus apóstolos para dialogar
Fração do pão em Emaus	24, 13-35	Jesus é convidado para jantar e se hospedar
Na comunidade de Jerusalém	24, 36-53	Jesus visita seus seguidores desejando paz e come com eles

Fonte: dados da pesquisa (2024).

Nota-se que essas citações bíblicas mostram que mesmo sem todas serem explicitamente relatos de hospitalidade, elas assumem essa característica e assim percebemos que a comensalidade é um dos aspectos mais evidenciados da hospitalidade na Bíblia (Correia, 2014, p. 245).

Destaca-se que em todas essas citações um personagem sempre está presente, Jesus Cristo, o Eu Hospitaleiro, que se torna hóspede nas casas e convidado nas mesas. É nesse espaço que acontecem os diferentes domínios da hospitalidade – receber, hospedar, alimentar e entreter (Camargo, 2006, p. 26). No Quadro 2, as cenas apresentadas mostram esses diferentes domínios, algumas delas compreende todos eles como a cena na casa de Zaqueu (Lc 19,1-10) que assume ser o Eu Hospitaleiro, ele recebe Jesus em sua casa para ser hospedado, oferece um jantar para o hóspede e o entretém com um diálogo que gera uma mudança de vida por meio da comensalidade.

Em uma análise histórica de Jesus como hóspede, nota-se na pesquisa documental que Ele sofre a inospitalidade no episódio do nascimento em Belém. Segundo Noguero (2019), havia quartos livres na pousada, mas os pais de Jesus podem ter sido discriminados ou se automarginalizaram. Ou ainda porque não podiam pagar, ou não eram mercadores, ou o lugar não era digno para pessoas que viviam a fé como eles, o certo é que em Belém não se respeitava a Lei da Hospitalidade.

Por isso, não podemos perder de vista a inospitalidade sofrida por Jesus mesmo nos espaços de comensalidade. Como já dissemos a primeira foi logo ao nascer quando não tinha local digno para nascer, depois na sua vida pública, os samaritanos lhe negam hospedagem (Lc 9,52-53). A mais significativa expressão com certeza acontece na casa de Simão.

A comensalidade de Simão, o fariseu, é um ato de hostilidade. Ele não cumpre com os rituais mais simples e fundamentais: acolhida, saudação, purificação. O espírito da hospitalidade de Simão é o mesmo dos poderosos de Israel (Mt 23, 1-36): o desprezo pelo projeto de Deus, anunciado por Jesus. O evangelista Lucas coloca “em cena” uma mulher pecadora, que “invade” a casa e cumpre com aquilo que Simão, o teólogo da Lei, não soube realizar para o seu hóspede (Rodrigues, 2015, p. 59).

Jesus aproveita de uma atitude de hostilidade, para mostrar a todos os presentes naquele banquete que sabia da tradição, da lei da hospitalidade, com isso recorda aos que se diziam guardiões da lei e dos bons costumes que hospitalidade é ritual e que deve ser feito independente de concordar ou não com a postura do hóspede. Isto é, “os ritos de hospitalidade são regidos pela

dimensão da dádiva, expressa na relação gratuita iniciada desde a soleira e na materialização pelo intercâmbio de dons” (Rodrigues, 2019, p.26).

“O “objeto” da dádiva não é, na realidade, o objeto oferecido ou recebido enquanto coisa material, mas seu valor de utilidade, transformado em valor de sacrifício”, afirma Nicolas (2002, p. 47). Nesse sentido, a pintura de Leonardo da Vinci, Santa Ceia, retrata uma cena de comensalidade e hospitalidade, enquanto dádiva, construindo um conjunto de hierarquias e relações que materializam a própria comensalidade em si. E lá torna-se expressão de uma religião que nasce ao redor da mesa que dando, recebendo e retribuindo busca fazer da hospitalidade um dom entre os seus seguidores.

A comensalidade de Jesus é elevada à excelência: oferta de si mesmo – Ele é o anfitrião (na casa de outro) e Ele é o alimento (para seus amigos). O evangelista João (13, 1-20) completa a cena comensal com o “ritual de purificação”, ou seja, o ritual intermediário da hospitalidade entre a porta e a mesa: o ato de “lavar os pés” (Rodrigues, 2015, p.76).

A cena continua sendo retratada nos rituais da Igreja Católica Apostólica Romana, dentro das celebrações da Páscoa, dando um relevo significativo para essa cena que consta em todos os quatro livros dos evangelhos. Como retratado no evangelho de João (Jo 13, 1-20), há um complemento que para a hospitalidade é fundamental por exaltar aquele ritual. Aquele mesmo que na cena já citada no banquete na casa de Simão, não acontece. O cristianismo aborda os preceitos da dádiva e pretende ser uma economia da graça. O caso de Jesus ilustra, eminentemente, o aspecto sublinhado por Mauss: na lógica do dom, dar é dar-se (Tarot, 2002).

Para Mauss (2008), aceitar qualquer coisa de alguém é aceitar qualquer coisa da sua essência espiritual, da sua alma, contribuindo, assim, para uma teoria geral da obrigação. Tudo se passa como se houvesse troca constante de uma matéria espiritual compreendendo coisas e homens no sentido relacional da magia. Mauss (2008, p. 90) conclui que no sistema da dádiva “misturam-se almas nas coisas; misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas e eis como as pessoas e as coisas misturadas saem, cada uma, das suas esferas e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca”.

Nesta perspectiva, a hospitalidade na Bíblia é ritualmente realizada por meio da dádiva da comensalidade: comida, bebida, ritos, diálogo, almas, trocas das mais diversas narradas nos livros. Essa obra mostra que Jesus utiliza da simbologia da hospitalidade e da comensalidade

como uma forma de poder a fim de expressar as suas ideias que foram inculcadas na cultura social dos cristãos por milhares de anos. O poder simbólico (Bourdieu, 2002) da comensalidade não é somente utilizada na religião cristã como propagação dos seus valores e pode ser estudado em diversas outras formas espirituais e materiais que envolvem a partilha do alimento como dádiva e sacrifício pelo outro.

5 Conclusões

Voltamos a indagação desse artigo que pergunta como se dão os rituais de hospitalidade na Bíblia e como tais cenas se vinculam ao campo do turismo por meio da comensalidade?

A comida, além de marcar um território, é uma identidade ligada a uma rede de significados locais e a comida relaciona-se à hierarquia, à inclusão e à exclusão social. A refeição é um rito de integração: ser excluído da mesa é ser excluído de uma sociedade de modo que a comensalidade está ligada à essência da natureza humana e consiste na hospitalidade e na convivialidade, respeito e tolerância (Falton; Gimenes-Minasse, 2019). A atividade turística que preza pelo acolhimento do outro deve pressupor atos de hospitalidade e comensalidade baseados nos princípios éticos da solidariedade e da reciprocidade.

A Igreja Católica Apostólica Romana coloca sua atuação no turismo pelo viés da hospitalidade por crer talvez que seja essa a perspectiva assumida no cristianismo, muito embora a instituição e o turismo religioso não tenham sido objetos da presente pesquisa. Conclui-se que o poder simbólico da hospitalidade usufrui da comensalidade para inculcar valores morais os quais estão presentes no documento bíblico como forma de dádiva expressa nos gestos, nas palavras e nos rituais ali descritos.

Entre os desafios a novas pesquisas e limitações, pode-se colocar que outras leituras do mesmo objeto aprofundem a análise ou, a inclusão de novos livros sagrados de outras matrizes religiosas aporte novas leituras ao campo, oportunizando debates e criando novas sinergias de pesquisa. Ademais, a limitação da pesquisa se faz pela sua própria periodização contida no documento analisado ainda que isso se justifique pelo viés histórico da mesma.

De toda forma, seria importante estudar a hospitalidade pelo viés da comensalidade no cenário contemporâneo, tal como o trabalho realizado por diversas organizações não governamentais que realizam trabalho de comensalidade para alimentar a quem precisa, haja

vista o exemplo do Projeto Pão do Povo da Rua em São Paulo. Ainda, os processos de transição social estruturados na linha tênue entre mitologias e religiões, o papel do Estado e das instituições não governamentais parecem ser uma oportunidade de estudos para a hospitalidade e comensalidade.

Por fim, entendemos que a hospitalidade na Bíblia com seus diversos exemplos e rituais pode ser para o turismo uma oportunidade de desafiar-se em buscar novos modos de estudos e, especialmente, pensar sobre o acolher e estabelecer relações de reciprocidade entre hóspede e anfitrião, entre turistas e comunidades, no espaço partilhado de uma casa comum – o planeta Terra.

Referências

BÍBLIA Sagrada. Edição Pastoral-Paulus: São Paulo, 1990.

BOAS, N. F. D. S. V. **A Pastoral do turismo: da peregrinação ao santuário**. 2012. 149f. Dissertação (Mestrado em Teologia). Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2012.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOUTAUD, J. J. Comensalidade - Compartilhar a mesa. In: Montandon, A. (Ed.) **O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Senac, 2011.

BRUSADIN, L. B. ¿El fin de la hospitalidad? Los conceptos sociales fundamentales de la hospitalidad. *PatryTer* – **Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades**, v. 4, n. 7, p. 107-119. 2021.

BRUSADIN, L. B.; PANOSSO NETTO, A. O sacrifício e o espírito das coisas perante o dom e a hospitalidade: (des) entendimentos científicos. In: BRUSADIN, L. B. **Hospitalidade e Dádiva: a alma dos lugares e a cultura do acolhimento**. Curitiba: Prismas, 2017, v.1, p. 23 - 41.

CAILLÉ, A. A dádiva das palavras. O que o dizer pretende dar. In: MARTINS, P. H. (Org.). **A dádiva entre os modernos: Discussão sobre fundamentos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

CAILLÉ, A. **Antropologia do dom: terceiro paradigma**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CAMARGO, L. O. L. As leis da hospitalidade. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 15, n. 2, p. 2112, 2021.

CAMARGO, R. S. S.; BUENO, M. S. Dádiva e hospitalidade na Bíblia. **Revista Hospitalidade**, v. 8, n. 2, p. 52-70, 2011.

CANESQUI, A. M.; GARCIA, R. W. D. (Orgs.). **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

CARNEIRO, H. **Comida e sociedade: uma história da alimentação**. Rio de Janeiro: Editora Campus. 2003.

CATECISMO da Igreja Católica: edição típica vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.

CORREIA, J. A. S. **A hospitalidade na construção da identidade cristã**: uma leitura de Lc 24, 13-35 em chave narrativa. Braga-PT: Universidade Católica Editora. 2014.

DE JESUS, E. T. **O turismo e a busca de sentido: a hospitalidade nos bastidores das peregrinações católicas**. 2019. 179f. Tese (Doutorado em Turismo e Hospitalidade). Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2019.

DERRIDA, J.; DUFOURMANTELLE, A. **De l'hospitalité**. Calmann-Lévy, 1997.

FALTIN, A. O.; GIMENES-MINASSE, M. H. S. G. Comensalidade, Hospitalidade e Convivialidade: Um Ensaio Teórico. **Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade**, v. 11, n. 3, p. 634-652, 2019.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GODBOUT, J. T. **O espírito da dádiva**. Colaboração de Alain Caillé. Paris: Edittions La Découverte, 1992.

GODELIER, M. **O enigma do dom**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GOTMAN, A. O Comércio da Hospitalidade é Possível? Trad. Luiz Octávio de Lima Camargo. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. VI, n. 2, p. 3-27, 2009.

GRINOVER, L. **A hospitalidade, a cidade e o turismo**. São Paulo: Aleph. 2007.

JENKINS, K. **A história repensada**. São Paulo: Contexto, 2005.

LASHLEY, C. Hospitalidade e hospitabilidade. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. XII, n. especial, p. 70-92, 2015.

LOUDEN, B. **Homer's Odyssey and the Near East**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

MACIEL, M. E. **Cultura e alimentação ou o que têm a ver os macaquinhos de Koshima com Brillat-Savarin?** Horizontes Antropológicos, v. 7, n. 16, p. 145-156, 2001.

MALINOWSKI, B. **Uma teoria científica da cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MAUSS, M; HUBERT, H. **Sobre o sacrifício**. São Paulo: Coisac Naify, 2005.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**. Trad. António Filipe Marques. Lisboa: Edições 70, 2008.

NICOLAS, Guy. O dom ritual, face velada da modernidade. In: MARTINS, Paulo Henrique (Org.). **A dádiva entre os modernos**. Discussão sobre fundamentos. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

NOGUERO, F. T. **A hospitalidade na Bíblia e nas grandes religiões**. Trad. Alexandre Panosso Netto. São Paulo: Ideias & Letras, 2019.

PANOSSO NETTO, A.; NECHAR M. C. Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 8, n. 1, p. 120-144. 2014.

PAULO II, J. **Carta encíclica sobre as relações entre fé e razão**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

PENNA, R. (Ed.). **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 2022.

PESAVENTO, S. J. Em busca de uma outra História: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, v. 15, no. 29, p. 9 – 27, 1995.

POULAIN, J.P. **Sociologias da alimentação. Os comedores e o espaço social alimentar**. Florianópolis: Editora da UFSC. 2004.

RODRIGUES, J. F. **“Alarga o espaço da tua tenda”:** uma abordagem teológica da hospitalidade inter-religiosa. 2015. 95f. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SAMARA, E. M.; TUPY, I. S. S. T. **História & Documento e metodologia de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

TAROT, Camille. Pistas para uma história do nascimento da graça. In: MARTINS, P. H. (Org.). **A dádiva entre os modernos**. Discussão sobre fundamentos. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

Artigo recebido em: 31 de outubro de 2024.

Avaliado em: 12 de dezembro de 2024.

Aprovado em: 18 de dezembro de 2024.